

ARQUEOLOGIA E ARQUITECTURAS DAQUI E D'ALÉM-MAR

MARIA DE MAGALHÃES RAMALHO IGESPAR

RESUMO Arqueologia da Arquitectura como disciplina da área do património surge como um desafio inovador ao propor abordar o edifício histórico em toda a sua complexidade, compreender a sua história pessoal única e irrepetível de uma forma integrada, conjugando os dados históricos e arqueológicos, os estudos de patologias, comportamentos estruturais, caracterização de materiais construtivos, etc. A metodologia aplicada é a mesma que é utilizada pela Arqueologia mas, neste caso, adaptada ao património arquitectónico, sobretudo pós-medieval sendo o exemplo do património português ou de origem portuguesa um verdadeiro caso de estudo por todas as potencialidades que ainda hoje oferece.

PALAVRAS-CHAVE Arqueologia da arquitectura, património arquitectónico, além-mar

"Há uma parte de nós portugueses, ainda hoje, que querem sair. Nós sempre tivemos este desejo de sair, um desejo que eu não encontro nos outros povos. (...) Enquanto o mar estiver à nossa frente o futuro pode ser o que nós quisermos".

Dulce Maria Cardoso

INTRODUÇÃO

A Arqueologia da Arquitectura como disciplina da área do património surge como um desafio inovador ao

propor, a partir de uma análise estratigráfica, abordar o edifício histórico em toda a sua complexidade, compreender a sua história pessoal única e irrepetível de uma forma integrada, conjugando os dados históricos e arqueológicos, os estudos de patologias, comportamentos estruturais, caracterização de materiais construtivos, etc. A metodologia aplicada é a mesma que é utilizada pela Arqueologia mas, neste caso, adaptada ao património arquitectónico, sobretudo pós-medieval, sendo o exemplo do património português ou de origem portuguesa um verdadeiro caso de estudo por todas as potencialidades que ainda hoje oferece.

Regina Tirello



1. Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Itamaracá, Pernambuco, Brasil.

1. EM BUSCA DA IDENTIDADE PERDIDA

Quando pensamos em património de origem portuguesa no mundo, imediatamente visualizamos ruínas rodeadas de belas paisagens tropicais, arquitecturas esquecidas “e o mar ali tão perto”...

De facto, hoje a Lista do Património Mundial estabelecida pela UNESCO inclui, a par dos treze bens localizados em Portugal, vinte e um de origem portuguesa distribuídos por dezasseis países e três continentes.

Todo este património é, na maior parte das vezes, muito mais que belas e interessantes estruturas ou enigmáticas ruínas pois há um mundo de vivências que permanecem e que acompanham os habitantes desses lugares distantes sobre a forma de cultura imaterial – histórias, memórias, cantares, linguajares, etc. Contribuir para compreender e manter vivo o significado dessas memórias pode, e deve, ser um desígnio português, provavelmente com muito maior proveito do que esta aposta cega numa comunidade europeia artificial quando o nosso coração sempre esteve mais além...

Portugal tem muito mais para dar e receber desse outro lado do mundo que, por desígnios da história, rapidamente abandonou, deixando para trás parte da sua memória e da sua identidade. Essa retirada repentina, ainda

hoje mal resolvida, misturada de complexos de culpa e desejos de fuga para a frente, faz com que, muito provavelmente, esta nova leva de emigrantes ou melhor, viajantes, que procuram encontrar sobretudo nesses antigos territórios coloniais formas de ganhar dinheiro fácil, provavelmente não será bem sucedida.

Pelo contrário, uma aposta na compreensão do que foi o nosso passado é, como bem sabem os psicólogos, meio caminho andado para nos compreendermos no presente e descobriremos a melhor forma de continuarmos a caminhar.

Infelizmente a realidade presente é bem demonstrativa de que se tivéssemos apostado na manutenção das relações culturais e económicas de forma construtiva, com os povos a que estivemos unidos tantos séculos, provavelmente hoje não estaríamos de mão estendida aceitando qualquer ajuda mesmo as mais interesseiras. O nosso legado é enorme e uma importantíssima vantagem que não tem sido aproveitada de forma positiva de ambos os lados. Lembremo-nos que hoje a língua portuguesa tem 200 milhões de falantes e a Lista do Património Mundial, estabelecida pela UNESCO, como já referimos, conta com maior número de conjuntos, sítios e monumentos situados fora de Portugal dos que se localizam no nosso território.

Wagner Oliveira



2. Porto de São Mateus, Espírito Santo, Brasil.

2. A ARQUITECTURA COMO RECURSO

Tendo em conta que grande parte do património de origem portuguesa no mundo é património edificado, a arquitectura surge-nos, desde logo, como um importante recurso, um icebergue de uma realidade escondida que importa desvendar.

Numa análise geral da situação, podemos verificar que a maioria do património arquitectónico de origem portuguesa espalhado pelo mundo sofre da falta de investimento. A maior parte dos imóveis ou conjuntos edificados com valor histórico e patrimonial situa-se em países com poucos recursos e Portugal também não tem tido uma política de investimento/cooperação que supere estas dificuldades e promova a salvaguarda destes importantes testemunhos.

Poderá, numa primeira abordagem, desculpar-se esta situação pela falta de meios que também existem no nosso país mas, conhecendo um pouco a realidade da cooperação portuguesa na área da cultura, depressa se concluiu que muitas vezes se perde demasiado tempo e dinheiro em “estudos estratégicos”, “avaliações de projectos” e viagens de trabalho em grande comitiva, faltando, como em tantos outros sectores, um planeamento eficaz e uma concretização efectiva dos programas em tempo útil que, na maioria dos casos, nem sequer requer a utilização de verbas muito avultadas.

Infelizmente, nos últimos anos, não só Portugal não realizou investimentos dignos de referência em termos de investigação arqueológica e acções de recuperação, se exceptuarmos os casos de Marrocos e Cabo-Verde e mesmo assim muito circunscritos¹, como tem deixado espaço para que outros países assumam a dianteira no estudo e na reabilitação do património de origem portuguesa². Outro caso paradigmático da forma de actuar pouco eficaz da cooperação portuguesa é a falta de articulação que existe entre as diversas entidades que desenvolvem projectos sobre o nosso património d' além mar³. Assim sendo, urge encontrar alternativas à falta de recursos e à deficiente articulação, procurando desenvolver projectos que, por exemplo, se baseiem nas novas tecnologias e na rentabilização do muito que já existe em termos de recolha de documentação histórica e arqueológica sobre este universo patrimonial. Importa ainda ter em atenção a necessidade de disponibilizar a informação existente sobre as intervenções arquitectónicas que foram sendo efectuadas por Portugal nesses países, pelo menos desde os finais dos anos 50⁴. Portugal será porventura um dos países que pior explora os seus recursos histórico-culturais se tivermos em conta os valiosos acervos que possuiu sobre os antigos territórios ultramarinos. Entre os inúmeros fundos documentais existem preciosidades ainda por descobrir, estudar e disponibilizar aos investigadores ou mesmo ao público em geral, sobretudo aquele que se encontra afastado por dezenas de milhares de quilómetros. As novas tecnologias poderiam assim contribuir para o conhecimento do nosso passado comum, e constituir uma forma positiva de aproximar povos para além dos interesses puramente económicos que hoje em dia prevalecem.

1. Em Cabo Verde veja-se o caso do programa de recuperação da Cidade Velha da responsabilidade do arquitecto Siza Vieira e a reabilitação da sua Sé-Catedral, promovida pelo então IPPAR desde finais dos anos 80 quando se iniciaram os primeiros trabalhos arqueológicos da responsabilidade de Clementino Amaro. Só muito mais tarde, já em 2003, é que foi finalmente possível iniciar as acções de recuperação deste notável edifício. Em Marrocos saliente-se a investigação levada a cabo na Fortaleza de Azamor e na Catedral de Safim, promovida pelo Centro de História de Além Mar (CHAM) da Universidade Nova de Lisboa entre 2008 e 2011. Também a Fundação Gulbenkian tem promovido algumas missões de avaliação e reabilitação de diversos monumentos portugueses espalhados pelo mundo, verificando-se, pela análise dos Relatórios de Actividades, que estas acções têm escasseado nos últimos anos.

2. Um dos exemplos é o que se passa na Cidade Velha de Cabo Verde onde, apesar da participação portuguesa ao nível do plano global, a maioria das intervenções arqueológicas e de recuperação de património foram realizadas pela Agência Espanhola de Cooperação Internacional (AECID) e, mais recentemente (2009), pela Universidade de Cambridge.

3. Nomeadamente entre Institutos Públicos, Universidades e a FCG.

4. Para além das intervenções recentes referidas na nota anterior, importa destacar as iniciativas efectuadas no âmbito das acções de cooperação levadas a cabo pela Gulbenkian em diversos países com património arquitectónico de origem portuguesa desde pelo menos os finais dos anos 50 e sobre as quais não existe grande informação. Destaque-se, entre elas, as intervenções de Augusto Viana de Lima e do seu seguidor, o arquitecto João Campos.

3. A FALTA DE INVESTIMENTO NO PATRIMÓNIO DE ORIGEM PORTUGUESA PODE TAMBÉM SER UMA VANTAGEM

A falta de investimento que, em muitos casos, corresponde à falta de intervenção física no património arquitectónico de origem portuguesa espalhado pelo mundo poderá ser vista também como uma oportunidade rara, pois, em muitos casos, preservaram-se as estratigrafias dos edifícios, permitindo que hoje se programem projectos de investigação e acções de recuperação que tenham em conta um conhecimento profundo do edificado.

É sobretudo necessário que qualquer intervenção de arqueologia neste universo patrimonial associe uma análise e interpretação de cota positiva e de cota negativa, pois não existem limites quando se trata de compreender um edifício histórico.



María Ramalho

3. El Jadida (Mazagão), Marrocos.

4. A ARQUEOLOGIA DA ARQUITECTURA COMO METODOLOGIA

Partindo da premissa que um edifício antigo é sempre uma construção estratificada e, como qualquer outro "depósito arqueológico" é necessário possuir uma metodologia própria que permita garantir o seu registo e a sua interpretação, a Arqueologia da Arquitectura



4. Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Vila Velha, Itamaracá, Pernambuco, Brasil.

surge então como forma de alcançar este conhecimento ou de transformar uma intervenção de reabilitação ou restauro numa verdadeira oportunidade para o conhecimento e preservação da memória.

Todos sabemos o impacto que podem ter as operações de reabilitação que apenas têm em conta uma singela recolha histórica e nenhuma análise do edificado existente, muito menos ainda uma intervenção arqueológica de cota negativa. Infelizmente, a maior parte das intervenções já realizadas, obedeceram apenas aos critérios definidos pelo arquitecto responsável não contando com a colaboração de equipas de arqueologia.

Veja-se, por exemplo, o caso tão marcante na história da recuperação de património de origem portuguesa que foi a intervenção na torre de menagem da Fortaleza de Arzila, iniciada pelo arquitecto Augusto Viana de Lima e terminada em 1994 pelo arquitecto João Campos, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian. Em recente artigo, o responsável por esta intervenção argumentava, a propósito da opção de colocar uma cobertura ao nível do telhado, com a presença do mesmo tipo de soluções em outros edifícios, em vez de se basear na análise que

deveria ter sido efectuada de forma sistemática sobre os testemunhos ainda existentes no próprio monumento⁵.

A Arqueologia da Arquitectura tem sido desenvolvida, desde pelo menos há duas décadas sobretudo em Itália e em Espanha mas, mais recentemente, também em Portugal⁶, no âmbito das intervenções de restauro de edifícios históricos, procurando fazer com que sejam os próprios monumentos a contar a sua história. Trata-se, sobretudo, de contrapor aos métodos tradicionais de análise, nomeadamente a consulta de fontes documentais e a comparação estilística, uma metodologia nova, oriunda directamente da arqueologia. Por outro lado, a visão oferecida pela Arqueologia da Arquitectura é simultaneamente mais alargada e complexa,

5. Campos, João (2008). O arquitecto João Campos, consultor e projectista da Fundação Calouste Gulbenkian, segundo os dados recolhidos em alguns documentos disponibilizados on line, será também o responsável por projectos de recuperação de património de origem portuguesa em Malta, Dhaka, Quiloa, Mombaça, Safim, Fortaleza de Ormuz e Palácio da Água na Indonésia, este último aparentemente já terá mesmo sido concluído. Esperemos então que nas próximas intervenções seja já possível contar com o contributo da arqueologia.

6. Ramalho, Maria (2004).

sobretudo porque os edifícios históricos passam a ser entendidos mais como o resultado de experiências únicas, feitas de construções e reconstruções, do que como modelos construtivos estáticos, característicos de determinado período histórico.

De uma forma resumida, podemos referir que os principais objectivos a ter em conta na aplicação desta metodologia são os seguintes:

- Reconhecer o edifício como documento histórico;
- Recuperar e registar toda a informação histórico-construtiva antes de se proceder a qualquer tipo de intervenção (reabilitação, conservação, restauro etc.);
- Aplicar um método baseado num registo sistemático e numa análise estratigráfica (intervenção arqueológica de cota negativa e positiva);
- Estudar e valorizar as técnicas, sistemas e materiais de construção existentes (sejam eles originais ou posteriores) como parte integrante da história do edifício;
- Reconhecer todas as transformações e patologias do edifício, suas causas e circunstâncias que as provocaram.
- Elaborar um discurso que relate o percurso histórico do edifício;
- Devolver à sociedade o conhecimento alcançado.

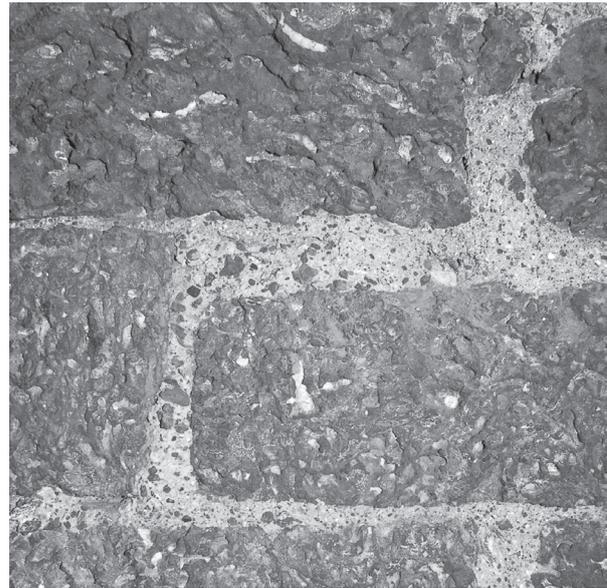
4.1 Pesquisa documental

Um dos principais aspectos a ter em conta num estudo de Arqueologia da Arquitectura é a importância da recolha documental prévia. Assim, será imprescindível contar com a colaboração de um historiador que, desde o início da programação da intervenção, reúna num trabalho que se pretende monográfico, o maior número de informação histórica e historiográfica disponível, conferindo especial atenção à recolha cartográfica, iconográfica e à documentação que possa existir sobre as intervenções de restauro que tenham sido executadas ao longo dos anos. Esta recolha não se deverá limitar aos edifícios, mas estender-se, também, ao seu contexto territorial.

Este levantamento histórico deverá, a par do estudo arqueológico, servir para o entendimento o mais completo possível do edifício, tendo no entanto em atenção que os resultados das pesquisas documentais não condicionem as conclusões a que se possa chegar com base na análise estratigráfica. Assim sendo, será preferível que, numa primeira fase, quando se procede à análise e à interpretação estratigráfica directamente sobre o edifício, a equipa se abstenha de estabelecer relações directas entre as conclusões do estudo histórico deixando, para uma segunda fase, esse confronto de fontes.

4.2 Estudo de materiais e técnicas de construção

Angelo Silveira



5. Blocos de laterite da Basílica de Bom Jesus, Velha Goa.

Entre os vários tipos de informação sobre o edifício que importa coligir destacam-se os que se relacionam directamente com as características específicas da construção. Neste capítulo, abrem-se interessantes possibilidades de colaboração com os investigadores estrangeiros que, cada vez mais, se dedicam ao estudo da história da construção portuguesa, ao modo como ela se desenvolveu nos diversos continentes e de que maneira soube ou não aproveitar os recursos e formas de construir locais⁷.

Dentro dos diversos aspectos a ter em conta destaque-se a determinação de componentes construtivos: análises geológicas, físico-químicas etc.⁸, para além da análise dos métodos e técnicas de construção como por exemplo:

- Avaliar o tipo de andaimes utilizados na construção a partir dos indícios registados ao nível dos paramentos;
- Verificar o tipo de ferramentas utilizadas na construção a partir da observação das marcas de corte da pedra;
- Observar os efeitos da degradação dos materiais (destruição e uso).

De facto, com a análise sistemática deste conjunto de dados, será possível alcançar outras informações a que muito dificilmente se poderia ter acesso, como, por exemplo, de que modo se organizavam os estaleiros de obra, que tipo de transportes e vias eram utilizados, etc., etc.

7. Depois da conquista de Ceuta, por exemplo, Portugal iniciou um processo de exportação de materiais de construção e mão-de-obra especializada. E este o caso da famosa cisterna de Mazagão, hoje El-Jadida em Marrocos, construída em grande parte com pedra e cal provenientes de Portugal.

8. Outras análises importantes que importa ter em conta são as análises de madeiras históricas, C14 ou análises litológicas.

Quem hoje se dedica à análise da construção portuguesa espalhada por vários continentes sabe a importância de se seguir o rasto destes materiais e de que modo eles espelham uma importante realidade histórica e social.

No processo de análise dos métodos construtivos torna-se particularmente importante também recorrer ao estabelecimento de tipologias, ganhando especial relevância as possibilidades oferecidas pela aplicação da cronotipologia. Será porventura esta uma área de investigação a ser desenvolvida nos próximos anos pois, para além de inédita, possuiu um enorme interesse histórico.

Considera-se que, depois de analisados todos estes factores, será possível criar verdadeiros modelos interpretativos, evitando-se assim a visão subjectiva que desde sempre marcou grande parte dos estudos da história de arquitectura.

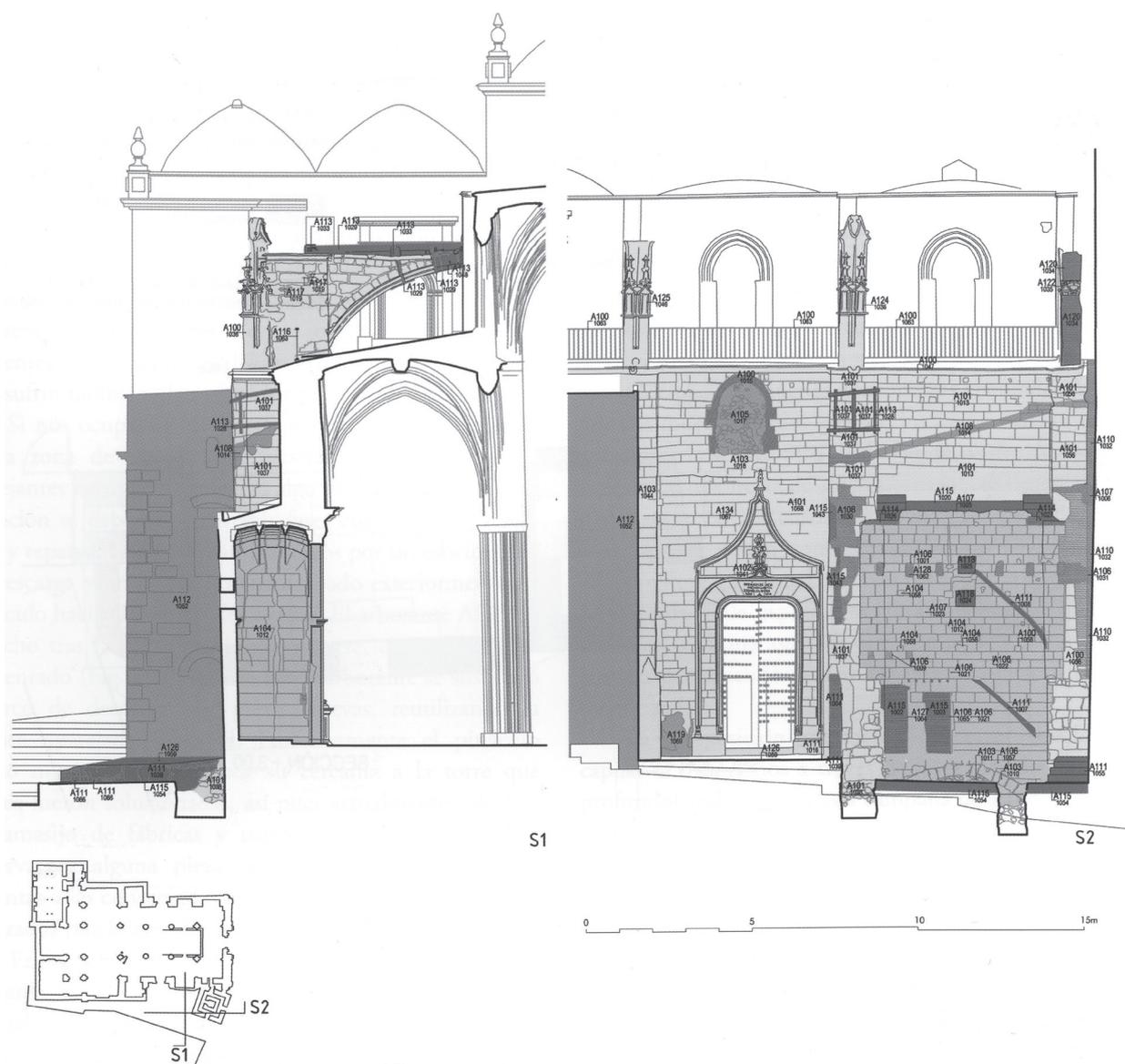
Neste capítulo devemos sublinhar a importância de uma nova área de investigação – a História da Construção, disciplina definida por Santiago Huerta como o “estudo cronológico das técnicas aplicadas na construção de obras de arquitectura e engenharia”⁹.

A História da Construção e a Arqueologia da Arquitectura, cada uma utilizando a sua própria metodologia, serão porventura duas disciplinas que, neste âmbito do estudo dos materiais e técnicas de construção se deverão associar num esforço de compreender qual o valor intrínseco das arquitecturas portuguesas daqui e d’além mar¹⁰.

9. Huerta, Santiago (2011). Para o desenvolvimento desta matéria em Portugal importa ter em conta os trabalhos de investigação publicados por João Mascarenhas Mateus.

10. Apesar da proximidade em termos de campo de acção, não foi até hoje possível contar com uma iniciativa que promovesse o diálogo entre estas duas disciplinas.

Francisco Pinto e José Maria Guerrero



6. Corte da igreja de São Miguel em Morón de la Frontera (Sevilha) com a indicação das Unidades Estratigráficas.

4.3 Resumo das principais acções a desenvolver num estudo de Arqueologia da Arquitectura

- Levantamento gráfico e fotográfico pormenorizado do edifício, prévio a qualquer tipo intervenção;
- Pesquisa documental e iconográfica;
- Escavações arqueológicas, caso se justifique, nomeadamente com a abertura de sondagens tanto ao nível dos paramentos como do subsolo¹¹;
- Registo e interpretação estratigráfica do edifício (análise de materiais, técnicas de construção e patologias);
- Construção de modelos de evolução cronológica e funcional dos espaços;
- Levantamento de património associado;
- Contextualização territorial do edificado.

4.4 A importância das imagens¹²

Considera-se que uma das condições básicas para o desenvolvimento de uma metodologia que, acima de tudo, procura alcançar a mais correcta identificação de todos os aspectos relacionados com o edificado será,

11. A leitura estratigráfica do edifício poderá ser executada sem recurso à abertura de sondagens parietais, sobretudo quando se trata de edifícios em mau estado de conservação, onde grande parte dos revestimentos já não existe. Importa ter em atenção que a picagem de rebocos deverá ser acompanhada por uma análise prévia, pois poderá estar em causa a preservação de revestimentos originais que importa estudar e salvaguardar.

12. Agradecemos a colaboração de Hugo Pires na elaboração deste capítulo.

em primeiro lugar, reunir uma base documental gráfica com recurso a tecnologias de levantamento que permitam garantir a qualidade e fiabilidade dos dados recolhidos¹³.

Assim, o ideal seria existir um registo gráfico do imóvel que pudesse servir às várias especialidades (engenharia, arquitectura, conservação e restauro, etc), registo este que deveria anteceder sempre qualquer tipo de intervenção.

No que diz respeito aos diferentes tipos de levantamento do edificado que podem servir de base a um estudo de Arqueologia da Arquitectura enumeram-se os seguintes:

1. Tecnologias de fotogrametria ou varrimento tridimensional. A utilização de uma destas tecnologias, ou de ambas em complementaridade, é sobretudo indicada para os casos de elementos edificados que apresentam superfícies com elevado grau de complexidade de representação gráfica¹⁴;

2. Levantamento desenhado do edifício com pormenor

13. Sobretudo tendo em conta que a maior parte das vezes os levantamentos disponíveis, nomeadamente no decurso de uma intervenção de reabilitação, são bastante incipientes.

14. O património edificado apresenta frequentemente um grau de complexidade fruto das características intrínsecas à sua condição patrimonial - soluções construtivas de diversas épocas, sucessão de intervenções sobre o edificado, acentuada degradação e erosão das superfícies revelando o seu carácter de organismo em evolução ou, ainda, deformação de componentes estruturais fruto de acções mecânicas internas ou externas. São exactamente estas características que importa registar de forma clara e geometricamente correcta com o levantamento.

Maria Ramalho



7. Fortaleza de Azamor.

de representação adequado à escala 1:50 e restituição da estereotomia do aparelho construtivo sempre que este se apresente visível e, caso existam detalhes construtivos singulares, o seu levantamento a escalas adequadas às suas dimensões e características;

3. Ortofotografia com resolução espacial adequada à escala do levantamento e integrada nos desenhos vectoriais do registo geral do imóvel. Este tipo de levantamento nem sempre corresponde aos objectivos e necessidades a que procura responder¹⁵, devendo ser aplicado em situações pontuais que requeiram especial rapidez de execução ou quando o objectivo seja também o registo cromático das superfícies do imóvel.

Complementando esta informação básica do imóvel é igualmente necessário proceder ao seu levantamento fotográfico integral, menos relevante quando se procedeu já ao levantamento por fotogrametria ou laser scanner e registo em vídeo, tendo uma vez mais especial atenção aos pormenores decorativos, construtivos ou outros.

5. AS VANTAGENS DA ARQUEOLOGIA DE COTA POSITIVA PARA O CONHECIMENTO DO PATRIMÓNIO DE ORIGEM PORTUGUESA

Um projecto de Arqueologia da Arquitectura pode, a nosso ver, ser desenvolvido com resultados muito positivos para o conhecimento do património de origem portuguesa quando não existam meios suficientes para organizar uma missão que inclua escavações arqueológicas.

A elaboração de um projecto de Arqueologia da Arquitectura – leitura de paramentos – necessitará de uma equipa bastante mais reduzida podendo não implicar qualquer acção intrusiva¹⁶. Esta equipa poderia contar apenas com dois arqueólogos com experiência em leitura estratigráfica de paramentos, um técnico especialista em fotogrametria, dado se considerar esta técnica de levantamento como a mais adequada ao objecto de estudo em questão¹⁷, e um arquitecto com

15. Este tipo de registo apresenta alguns problemas de leitura para o investigador quando se trata, por exemplo do registo de pormenores e da sua integração num levantamento geral do imóvel. De notar que, na maioria dos casos, estes levantamentos são demasiado sumários, apresentando falta de rigor relacionado, frequentemente, com a utilização de métodos expeditos de rectificação de fotografias que, ao não terem em conta os procedimentos adequados a esta técnica, produzem falsos resultados.

16. A leitura de paramentos pode ser aplicada sem recurso a acções intrusivas como a picagem de revestimentos.

17. Considera-se que um levantamento fotogramétrico será porventura o método mais eficaz para este tipo de projectos, se tivermos em conta o tempo utilizado na sua execução (recolha e processamento de dados) como o tipo de equipamento que será necessário transportar, em comparação com métodos de varrimento tridimensional (laser scanner). Actualmente os levantamentos fotogramétricos permitem a criação de desenhos vectoriais planimétricos (tais como plantas, alçados ou perfis) ou ainda a criação de densas nuvens de pontos que, após processamento, dão origem a modelos 3D com textura foto-realista substituindo, em grande medida, os levantamentos efectuados por varrimento – laser scanner.

conhecimento sobre o modo de construir tradicional¹⁸. Importa ter em conta que não é apenas uma questão de redução de meios e de toda a logística que é necessário providenciar quando se trata de missões que têm como objectivo a realização de intervenções arqueológicas, mas também a ausência da necessidade de implementar acções de minimização dos impactes deixados no terreno como a protecção de estruturas colocadas a descoberto e garantia da estabilidade estrutural do edifício intervencionado. Neste caso, julga-se que de modo a evitar danos estruturais resultantes das intervenções arqueológicas de cota negativa, será sempre aconselhável contar com o parecer prévio de um engenheiro especializado.

Assim, considera-se que uma das condições que deverá estar à partida acautelada, é que a intervenção arqueológica ao nível do subsolo, não se deverá executar se não estiver garantido o subsequente projecto de arquitectura que possa permitir a salvaguarda do imóvel em questão. Desta forma, importa sobretudo avaliar os prós e os contras da programação de acções arqueológicas de carácter intrusivo neste tipo de património, tendo sempre como objectivo principal que as intervenções efectuadas não venham a acentuar o seu estado geral de degradação.

6. A CONSTRUÇÃO DE UM SISTEMA DE INFORMAÇÃO DO PATRIMÓNIO DE ORIGEM PORTUGUESA (SIPOP) - O PATRIMÓNIO PORTUGUÊS AO ALCANCE DE UM “CLIQUE”

O que fazer? Por onde começar com pouco investimento?

Dado o grande número de informações já existentes sobre o património de origem portuguesa no mundo, a somar a todas aquelas que se produzem no âmbito de uma intervenção arqueológica e no decorrer de uma acção de reabilitação, seria muito importante equacionar a implementação de uma Base de Dados que estivesse associada a um suporte gráfico actualizado, preferencialmente um levantamento fotogramétrico. Importa ter em atenção que este tipo de levantamento de baixo custo poderia servir de base e de plataforma de ligação entre todas as especialidades que participam numa intervenção de estudo e recuperação de um edifício histórico.

Em Itália, por exemplo, a este tipo de aplicação informática começou a chamar-se “Sistema de Informação Monumental”, à semelhança dos chamados Sistemas de Informação Geográfica (SIG), cada vez mais utilizados na gestão do território.

18. A importância da presença de um arquitecto prende-se, sobretudo, pela necessidade de compreender o edifício para além da sua estratigrafia, matéria que os arqueólogos dificilmente dominam.

Assim, a proposta que fazemos é que toda a informação existente (histórica, arqueológica etc.) sobre um determinado edifício ou conjunto edificado de origem portuguesa no mundo, venha a ser vertida para um Sistema de Informação aqui designado como SIPOP, que pudesse estar acessível, através da internet. Por sua vez, este Sistema, serviria também para estabelecer a ligação entre todas as entidades que gerem este património, entidades estas que se encarregariam de actualizar toda a informação contida, disponibilizando-a, posteriormente, para o grande público.

Neste âmbito, seria muito importante contar com as iniciativas já existentes em Portugal, quer ao nível dos inventários como das redes, como é o caso do trabalho efectuado pela Fundação Calouste Gulbenkian sobre o Património Mundial de origem portuguesa¹⁹. Realce deverá ser conferido também aos inventários e outra documentação produzida no âmbito dos projectos promovidos pelo Centro de História de Além Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da

19. Esta obra "Inventário Património Mundial de origem portuguesa" é coordenada por José Mattoso e compõem-se de três volumes – América do Sul, África e Ásia, tendo o primeiro volume sido editado em 2010. Este levantamento incide apenas sobre património edificado, tendo registado um impressionante número de 2300 edifícios e cerca de 530 sítios!

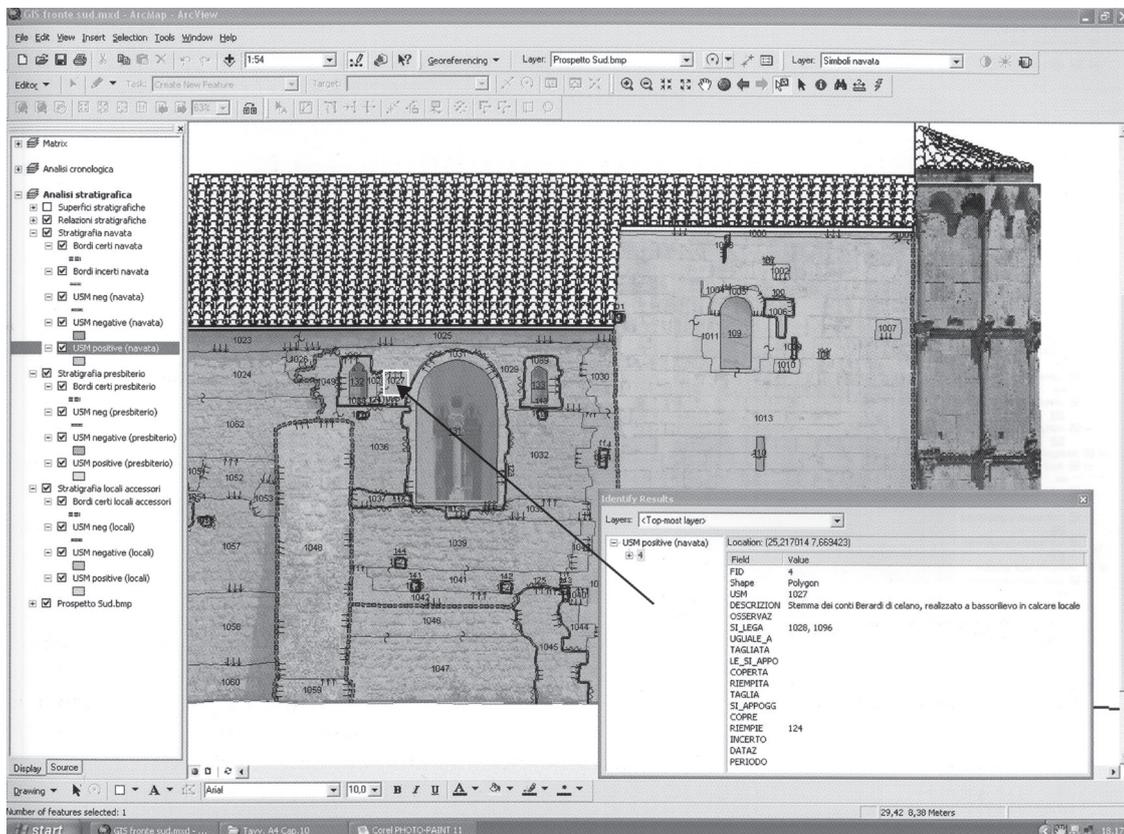
Universidade Nova de Lisboa e à rede *World Heritage Portuguese Origin (WHPO)*²⁰ que pretende unir todos os países que possuem este tipo de património.

Não podemos deixar de referir que este Sistema terá que obrigatoriamente ficar alojado numa instituição que se responsabilize pela sua gestão e manutenção. Neste sentido, consideramos, uma vez mais, que deverá caber a Portugal tomar a dianteira e chamar a si um projecto desta natureza.

CONCLUSÃO

Depois do exposto, considera-se que a Arqueologia da Arquitectura deve constituir-se como ferramenta indispensável a todos os que se dedicam à reabilitação de património construído, nomeadamente arquitectos,

20. Com a realização do I Encontro Internacional WHPO, em 27, 28 e 29 de Abril de 2006, a Universidade de Coimbra, a Comissão Nacional da UNESCO, o IGESPAR e o ICOMOS Portugal deram início a um processo pioneiro na história da cooperação cultural portuguesa. O pioneirismo dessa iniciativa reside no facto de pela primeira vez se desenvolverem esforços para juntar os países que têm património cultural de influência portuguesa e discutir formas de cooperação efectiva para o acesso e a gestão do património mundial, nos moldes propostos pela Estratégia Global da UNESCO. Esperemos que esta iniciativa, que teve já uma réplica em Outubro de 2010, possa realmente concretizar os objectivos propostos.



8. Esquema do Software aplicado na igreja Santa Maria in Valle Porclaneta, Abruzzo, Itália.

arqueólogos, engenheiros, conservadores-restauradores e historiadores de arte, realçando sobretudo a necessidade das diversas áreas de especialidade aproximarem as suas metodologias de trabalho que, a nosso ver, deverão ser repensadas à luz de uma nova estratégia de actuação onde, tal como dissemos anteriormente, o edifício histórico passe a ser encarado como qualquer outro documento que é necessário ler e interpretar. Ou seja, que o processo de intervenção possa representar uma ocasião única para o conhecimento, criando-se rotinas nos procedimentos, nomeadamente no tipo de estudos e levantamentos necessários antes do início da obra.

Maria Ramalho



9. Ruínas do Convento de São Francisco, Cidade Velha, Cabo Verde após o projecto de restauro da cooperação espanhola.

Como expusemos anteriormente, a falta de investimento em grandes acções de recuperação permitiram que muitos destes monumentos chegassem até nós com um assinalável potencial estratigráfico que importa agora estudar e dar a conhecer ao mundo.

A importância do investimento em países que mantém, apesar de tudo, uma forte relação com Portugal, não só deveria ser uma obrigação do Estado português do ponto de vista cultural, como seria uma aposta inteligente e com futuro em termos económicos, numa época difícil como a que vivemos actualmente, libertando-nos um pouco da Velha Europa deprimida e em crise, regressando ao contacto com velhos companheiros de aventuras. Acresce a vantagem de algum deste património, porventura os conjuntos mais significativos, se situarem nos chamados países emergentes.

A proposta que aqui apresentámos de utilizar a internet como forma de disponibilizar toda a informação existente sobre cada um dos edifícios que fazem parte do legado português no mundo e o papel que a Arqueologia da Arquitectura poderá ter para este conhecimento, pretende avançar a par e passo com a outra proposta mais ambiciosa de ligação de instituições e investigadores que se dedicam a esta matéria, sem que para tal signifique despender grandes recursos económicos.

Aproveitemos então deste mundo globalizado o seu melhor!

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos queridos amigos Wagner Oliveira e Regina Tirello que desde o Brasil enviaram o seu contributo sobre a forma de imagens.

Também ao Ângelo Silveira e ao José Paulo Ruas expresso a minha gratidão pelo apoio prestado.

BIBLIOGRAFIA

CAMPOS, J. (2008) – Chapéus há muitos... A propósito da representação social dos castelos em Portugal. In *CEAMA*. Almeida: Câmara Municipal de Almeida, Vol. 2, p. 68-79.

FERNANDES, H. J. M. L. – *O património arqueológico no solo Urbano: caso Cidade Velha, Património da Humanidade*. Instituto da Investigação e do Património Cultural de Cabo Verde. Disponível em www.iipc.cv/ficheiros/1_artigo_Jair.pdf.

GARCIA, J. P. – *O Serviço Internacional da Fundação Calouste Gulbenkian e a reabilitação do património arquitectónico português em países estrangeiros*. Disponível em PDF no sítio: www.ftp.infoeuropa.euroid.pt/database.

HUERTA, S. (2011) – Historia de la construcción – la fundación de una disciplina. In *A História da Construção em Portugal – Alinhamentos e Fundações*. Ed. João Mascarenhas Mateus. Série Cidade e Arquitectura. Coimbra: Almedina.

MATEUS, J. M., ed. (2011) – *A História da Construção em Portugal. Alinhamentos e Fundações*. Série Cidade e Arquitectura. Coimbra: Almedina.

RAMALHO, M. M. (2003) – Arqueologia da Arquitectura. O método arqueológico aplicado ao estudo e intervenção em património arquitectónico. In *Revista Estudos/Património*, n.º 3, Lisboa: IPPAR, p. 19-29.

RAMALHO, M. M. (2006) – Os primeiros passos da Arqueologia da Arquitectura no âmbito do Instituto Português do Património Arquitectónico. In *Arqueología de la Arquitectura*, Bilbao: Universidad del País Vasco, n.º 3, p. 145-153.

RAMALHO, M. M. (2011) – Praxis em Arqueologia da Arquitectura. In *Promontoria. Revista do Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve*. Ano 9, n.º 9, p. 69 a 74.

World Heritage Portuguese Origin – informação disponível em: www1.ci.uc.pt/whpo/patrimonio.html.